



No presente trabalho é mister ater-se menos nestas caricaturas ou nas interpretações que tocamos acima, e mais no papel que tais caricaturas desempenham dentro do pensamento, ou da estratégia do autor. Em outras palavras, tanto ao tratar da filosofia de Locke e de Newton, quanto da filosofia de Descartes e Leibniz, e outros personagens da história da filosofia, Voltaire se interessa, mais em certos aspectos que ele tem por relevantes, como no caso da querela da existência ou não do vácuo, utiliza-se do ponto de vista de Newton a favor da existência do vácuo como um ponto favorável à sua ânsia deísta, do que nas próprias nuances, complexidade e sutilezas destas filosofias. Ademais, as “Cartas Inglesas” tem um caráter inicial, de entrada no mundo da filosofia propriamente dito, antes disto tendo se dedicado principalmente ao teatro e a poesia, sendo que seus estudos filosóficos iniciados como o lord Bolingbroke, justamente no período em que estava exilado em Londres, se estenderiam mais tarde aos sérios estudos sobre Newton que efetuaría juntamente com Mme du Châtelet e que culminariam na publicação dos “Elementos da Filosofia de Newton”

É evidente que a idéia de filosofia do século XVIII em geral, não somente em Voltaire, é distinta tanto das filosofias que a precederam quanto das que o sucederam. Quando notamos os temas e os meios de expressão destas, naqueles livros que se enquadravam como “livros filosóficos” na França do XVIII, como sugere Robert Darnton em seu texto intitulado “Sexo dá o que pensar” que continham desde filosofia teórica até livros “pornográficos” (termo que Darnton diz surgir neste mesmo século) passando por textos anticlericais e outros- editores e livreiros classificavam “livros filosóficos” todos os livros ilegais, obscenos, sediciosos ou irreligiosos, todos livros de combate, de contestação- percebemos uma certa efervescência distinta do pensar filosófico.

Não encontramos nestas filosofias, aquele anseio pelo edifício bem arquitetado das filosofias do século anterior como em Descartes, Leibniz e outros, mas sim uma forte apego à experiência e conseqüentemente uma limitação da pretensão filosófica, é justamente este distanciamento do ideal de sistema do dezessete o que possibilita por assim dizer as formas, ou os meios de expressão que a filosofia das luzes engendrou, sendo isto talvez que lhe de um matiz especial. Contudo, isto não significa que o “espírito da época” não deixe de crer em algo unificador; a razão, a própria racionalidade do homem e do mundo.

O *esprit systématique* põe-se limites, abandona a pretensão do *esprit de système*, podendo ampliar não só os temas de sua filosofia, como os modos de tratá-lo, mas mantém todo o rigor da análise, todo o rigor de uma filosofia que se auto intitula *sã filosofia*.

Nas Cartas Inglesas, Voltaire passa abruptamente da medicina para a filosofia. Da carta XI, com o título “Sobre a inoculação da varíola” o autor passa à filosofia inglesa, na figura de Bacon, Locke e Newton.

A décima segunda carta dedicada a Bacon, a décima terceira a Locke, ou Sr. Locke, a décima quarta a uma comparação entre Descartes e Newton, e as próximas três a certos aspectos da física de Newton.

Voltaire diz na décima segunda carta que Bacon, “o pai da filosofia experimental” “ainda não conhecia a natureza, mas os caminhos que conduzem a ela “e que “antes do Chanceler Bacon ninguém conhecia a filosofia experimental” Apesar de



de suas críticas as filosofias anteriores, entre o *esprit de système* e o *esprit systématique*.

Além disto, percebemos que esta filosofia caracterizada por um espírito geométrico não é uma filosofia geometrizarante por assim dizer. Esta filosofia é sensata, metódica, exata, sem ser estritamente matemática. Como diz Cassirer, em "A Filosofia do Iluminismo":

"O século XVIII dedica-se a esse problema (os limites do espírito geométrico posto por Pascal ao elaborar a distinção entre espírito geométrico e o espírito de finura) e resolve-o no sentido de que o 'espírito geométrico' se o entendermos como o espírito de análise pura, é de aplicação absolutamente ilimitada e não se encontra vinculado a nenhuma problemática particular."

Voltaire parece ter aceito sem restrições toda a teoria do conhecimento de Locke, no que se refere às "Cartas Inglesas". Nesta décima terceira carta, Voltaire faz pouco caso da história da filosofia para bater em Descartes, com o bastão da teoria do conhecimento de Locke.

Encorajado por Locke, e dado a importância que a filosofia cartesiana tinha adquirido naquela época, Voltaire ridiculariza seu conterrâneo, "nascido para descobrir os erros da Antiguidade, a fim de substituí-los pelos seus próprios", como aquele que afirmou "que se pensa sempre e que a alma vem ao corpo já provida de todas as noções metafísicas, conhecendo Deus, o espaço infinito, tendo todas as idéias abstratas, cheia de belos conhecimentos que, infelizmente, esquece ao sair do ventre da mãe.

Voltaire ataca, além do inatismo, o dualismo cartesiano, no qual a alma é uma substância pensante e a matéria é identificada com a extensão.

Segundo ele, o dualismo cartesiano falha dos dois lados. É evidentemente falso que a alma é sempre consciente, e por outro lado, identificar a matéria com a extensão, além de ser duvidoso, é "o nada dos conhecimentos humanos".

Nesta distinção Descartes é levado por paradigmas metafísicos, a uma redução do que se poderia conhecer a respeito da matéria, impossibilitando um conhecimento do mundo.

Após estas considerações de como uma postura filosófica como a de Locke destrói por assim dizer, todo o "romance" que a filosofia construiu acerca do homem, desta mobilização da teoria do conhecimento de Locke para combater um personagem ilustre da filosofia francesa, Voltaire vai além dos textos do próprio Locke, para, de um lado, afirmar sua posição e delas retirar outros problemas, e de outro, realizar uma certa manobra, como nos indica Ayer, no seu livro "Voltaire", no capítulo intitulado, "The English Influence":

"Sem dúvida o fato de ter triunfado sobre Descartes, mostrando sua própria posição como mais favorável ao teísmo, fez Voltaire rir. Nós veremos que isto era uma manobra que estava para se repetir. Além do mais, devem ser considerados os casos dos animais. Locke acreditava que eles não tinham a capacidade de compor idéias abstratas, mas não os negava sensação e alguma forma de razão. Em vista das consequências em seu sistema, de dar aos animais consciência, Descartes teve que adotar a tese implausível de que ele seriam máquinas. É verdade que alguns filósofos contemporâneos acreditam que os homens sejam máquinas, mas as realizações dos computadores mudaram o conceito de máquina daquele que



“Falta muito aos pretensos princípios físicos de Descartes para que possam assim coduzir o espírito ao conhecimento do seu Criador. Deus me livre de, por uma calúnia horrível, acusar este grande homem de ter ignorado a suprema inteligência à qual ele tanto devia, e que o havia elevado acima de quase todos os homens de seu século! Digo somente que algumas vezes ele abusou de seu espírito e conduziu seus discípulos a precipícios dos quais o mestre estava muito longe; digo que o sistema cartesiano produziu o de Espinoza; que conheci muitas pessoas conduzidas pelo cartesianismo a só admitirem como Deus a imensidão das coisas e que, ao contrário, não vi nenhum newtoniano que não fosse teísta no sentido mais rigoroso.

Isto se dá, porque, de acordo com Voltaire, a física de Newton, com sua visão atômica da matéria e sua consequente admissão da possibilidade do vácuo, é compatível com o teísmo, enquanto que a física de Descartes, que torna o mundo infinito, exclui por assim dizer a idéia de um único autor, criador do movimento, único organizador fora do tempo e do espaço.

Enfim, podemos perceber que a figura de Descartes neste trecho, é algo interessante; é um grande homem que foi “arrastado” por uma paixão, a ânsia característica do *esprit de système*.

Em outro texto, já na segunda parte dos “Elementos da Filosofia de Newton” no capítulo “Da Natureza da Luz” Voltaire diz:

“Tendo pois todos os pretendos filósofos feito advinhações através do véu que cobria a natureza, Descartes chegou e levantou uma ponta deste grande véu. Disse: a luz é uma matéria fina e leve, que afeta nossos olhos. As cores são sensações que deus excita em nós, segundo os diversos movimentios que levam a matéria até nossos órgãos. Até aqui, Descartes tinha razão. Seria preciso que ele se detivesse aí, ou então que, se prosseguisse, tivesse a experiência como seu guia. Mas estava possuído pelo desejo de construir um sistema. Esta paixão fez com este grande homem o que as paixões fazem com todos os homens; arrastam-os para além de seus princípios.”

Após todas estas considerações, podemos voltar àquelas questões que elencamos anteriormente, e aplicá-las aos textos que tratamos.

Na verdade, já deve estar mais ou menos claro que parece haver um outro interesse por trás das palavras acerca da filosofia inglesa, ou muitos interesses.

Como se sabe, o livro inicialmente chamado “Cartas Inglesas” tornou-se o livro “Cartas Filosóficas” É sobre a filosofia que Voltaire fala, tanto de seus descamihos, como da filosofia na qual ele espera encontrar o “modelo” da sã filosofia.

É neste sentido que os interesses são muitos. Diferentes temas da filosofia posterior do filósofo já aparecem nas “Cartas Filosóficas” exemplos são as discussões a respeito de Deus, o problema do conhecimento da alma e as questões materialistas, a tolerância, o papel do filósofo no esclarecimento e outros.

Deste modo, o que se pretende pesquisar, nesta primeira etapa que se inicia agora, é esta influência inglesa nos escritos de um dos maiores expoentes do pensamento do XVIII, ou para não criar equívocos, como Voltaire pôde utilizar o seu aprendizado filosófico na Inglaterra para o tratamneto das questões que o perturbarão até seus últimos dias. Buscar nesta entrada de Voltaire no mundo da filosofia, o ponto de partida para a pesquisa sobre o tema mais amplo que dissemos

anteriormente.

É uma tentativa de pinçar um primeiro elemento, que já aponta para muitos outros, esta mobilização do arsenal de certas filosofias para criar o novo olhar filosófico.